

## Edmund Burke: Uma Crítica Revolucionária contra Revolução

*Elvis de Oliveira Mendes\**

**Resumo:** Este ensaio, antes de qualquer coisa, se trata de uma análise da obra *Reflections on the Revolution in France* (Reflexões sobre a revolução na França) onde Edmund Burke através de uma escrita *eleganter* emitiu uma carta, com suas opiniões sobre os acontecimentos de 1789, e por meio de uma crítica aguda e radical à revolução que acabara de eclodir na França, terminou por “prever” a “fase do terror” e os acontecimentos funestos que se sucederam neste país entre o fim do século XVIII e começo do século XIX. Com efeito, o objetivo precípua deste breve ensaio é o de refletir à luz da crítica antirrevolucionária de Burke acerca do perigo constante de quando a razão filosófica se torna uma promessa para resolver assuntos públicos.

Palavras-chaves: Edmund Burke. Revolução. Crítica antirrevolucionária.

### Edmund Burke: A Revolutionary Critique against Revolution

**Abstract:** This essay, first of all, is an analysis of the work “Reflections on the Revolution in France” where Edmund Burke through an *eleganter* writing issued a letter, with his views on the events of 1789, And through of a sharp and radical critique of the revolution which had just erupted in France, ended by "predicting" the "stage of terror" and the disastrous events that took place in this country between the end of the eighteenth century and the beginning of the nineteenth century. Indeed, the primary purpose of this brief essay is to reflect through of Burke's antirevolutionary critique on the constant danger of when philosophical reason becomes a promise to solve public affairs.

Keywords: Edmund Burke. Revolution. Anti-revolutionary criticism.

---

\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Graduando em Filosofia pela mesma instituição, Especialista em História das Artes e das Religiões pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e graduado em licenciatura plena em História. Exerce pesquisa com foco em Filosofia Política contemporânea (UFPE). E-mail: [elvis.oliver@live.com](mailto:elvis.oliver@live.com).

## **Introdução**

A Revolução Francesa é indubitavelmente o evento que se tornou o símbolo maior ou marca mais profunda do que veio a constituir o que podemos chamar de imaginário moderno. De fato, os eventos ocorridos em 14 de julho de 1789 se tornaram um marco fundante e gerador dos valores e da visão de mundo contemporânea. Sendo assim, *la prise de la bastille* representa não apenas uma revolta regional, mas sim a dissolução do tipo de *establishment* social, tal como era imposto pelo antigo regime. Diante disso, a Revolução na França se tornou um acontecimento emblemático comumente conhecido como o momento de início da era contemporânea.

Com efeito, a historiografia moderna confabulada no seio do pensamento iluminista nos legou relatos que narram todo esplendor representado pela revolução de 1789 na França, sobretudo, os ganhos sociais incontestáveis logrados por séculos pelo povo francês e quiçá, por todo ocidente. De fato, a imagem que temos desse marco inaugural da história contemporânea é equivalente ao parto de uma nova era de valores humanísticos voltados para a busca incansável da igualdade, da liberdade e da fraternidade entre os homens e as nações. Tais valores que só seriam garantidos pela dedicação de homens destemidos e ungidos pela luz da razão, do qual fazendo uso da racionalidade filosófica científica em detrimento das superstições religiosas e da tradição, seriam capazes de salvar as sociedades da desigualdade, da repressão e da ignorância gerada pelo obscurantismo intelectual característico do mundo pré-moderno.

Ora, dito isto, é necessário colocar já nesse momento introdutório que o objetivo precípua deste ensaio é ir além dos axiomas e das verdades paradigmáticas propostas pela historiografia tradicional e assim propor uma reflexão mais profunda acerca desses eventos. Tal tarefa será feita a luz das contribuições feitas pelo estadista e teórico político irlandês Edmund Burke (1729-1797) que desenvolveu uma ampla e fecunda análise acerca dos acontecimentos que se sucederam a partir de 1789 na França. De fato, na obra *Reflections on the Revolution in France* (Reflexões sobre a Revolução na França) esse baluarte do pensamento político moderno foi capaz de capturar de

forma precisa e original o modo como aquela revolução que *a priori* possuía “a melhor das intenções” se tornou uma sequência de eventos brutais e violentos já na última década do século XVIII e qual herança surgiria a partir desses acontecimentos. De toda sorte, o que nos interessa nesse breve ensaio é tentar captar alguns elementos da realidade problemática que configura a revolução na França que não nos é trazida pela interpretação meramente historicista. E por meio destes elementos, tentar refletir acerca dos riscos das promessas da já mencionada, “melhor das intenções” que sempre nos visitam de forma renovada e hodierna, sobretudo, nos períodos mais críticos.

### **Um manifesto antirrevolucionário**

*Reflexões sobre a Revolução na França* é de fato, a obra fundadora do que veio a se tornar o conservadorismo político moderno. Essa afirmação com caráter de *dóxa* é compartilhada entre muitos intelectuais e especialistas de renome. No entanto, embora saibamos que Burke é o precursor do moderno conservadorismo político, antes disso é necessário frisar que ele é parte de uma tradição (COUTINHO, 2014, p. 11). Mas a afirmação que reivindica para ele a fundação, talvez torne inevitável darmos devida atenção às palavras escritas por Burke sob a forma de uma carta destinada a um jovem fidalgo francês em 1789. De fato, não obstante, a *Reflexões* trata de uma carta, sua extensão e profundidade são dignos de um tratado político, seu espírito é de um panfleto<sup>1</sup> por sua retórica e poder de persuasão, seu *insight* é original e se quiser assim nomear; profético.<sup>2</sup> Além disso, esta obra indubitavelmente também possui uma original e fecunda interpretação histórica da revolução francesa ainda em seu momento primevo.

---

<sup>1</sup> Nesse período os filósofos, cientistas, outros intelectuais, homens públicos e a própria igreja faziam uso de atividade panfletária, afim de, por meio da propagação de textos retóricos e persuasivos, convencer o maior número possível de pessoas com sua opinião acerca de algum tema importante para a sociedade.

<sup>2</sup> Burke escreveu sua *Reflexões* ainda no ano de 1789 o qual só foi publicada no ano seguinte e antecedeu o espetáculo de horror que a revolução na França se tornaria nos anos que se sucederam. Deste modo, Burke foi capaz de perceber bem antes dos Jacobinos começarem a guilhotinar seu inimigos reais e em potencial, o embrião de uma ideologia sanguinária que alavancou os funestos acontecimentos da chamada “fase do terror” (1793).

Deste modo, se tornou um dos maiores manifestos antirrevolucionários da tradição da filosofia política.

Ora, mas como Edmund Burke, um intelectual atuante na vida pública<sup>3</sup> possuidor de um espírito liberal e de discurso constitucionalista, simpático de causas democráticas bastante significativas como a dos católicos na Irlanda, dos colonos norte americanos e dos indianos contra a repressão e os abusos da Grã-Bretanha (Cf. BURKE, 2014, p. 8), poderia ser tão radicalmente contrário à revolução na França? Considerando também o fato de que o apoio ao clamor revolucionário dos franceses era fortemente compartilhado entre seus pares, e que a opinião de que os eventos que eclodiram em 1789 na França seriam uma repetição dos acontecimentos da Inglaterra de 1688 era quase unânime; o que tornou a posição de Burke totalmente heterodoxa, para não dizer excêntrica.

Mesmo assim, no calor do otimismo revolucionário, Burke já no início de sua *Reflexões* expressa sua profunda inquietação e desconfiança na euforia da démarche popular iniciada com a queda da Bastilha. Seu pessimismo advém da constatação de que: “são as circunstâncias que fazem com que qualquer sistema civil e político seja benéfico ou nocivo à humanidade” (BURKE, 2014, p. 30). Portanto, nesse sentido, a suposta liberdade alcançada pelo triunfo revolucionário não eram garantia de sua benevolência. Ainda nesse mesmo sentido, Burke é bastante enfático quando afirma que; o fato da liberdade ser umas das dádivas naturais da humanidade, não é argumento satisfatório bastante para que se parabenize um louco que fugiu do tratamento ou um assassino que fugiu da prisão, mesmo que ambos estejam apenas retomando direitos naturais que lhes são legítimos (Idem). Diante disso, Burke está diretamente preocupado com o furor e a ovação do imaginário ideológico parido pela revolução como ele explica nesta passagem:

A bajulação corrompe tanto a quem a faz quanto a quem a recebe; adular não é útil aos povos, nem aos reis. Por tal razão, deveria me abster de felicitar a França por sua nova liberdade até que tivesse conhecimento de como esta liberdade se harmoniza com o governo,

---

<sup>3</sup> Conferir o que é dito sobre isso em (MANSFIELD, 1987, p. 687).

com o poder público, com a disciplina e a obediência dos exércitos, com o recolhimento e a boa distribuição dos impostos, com a moralidade e a religião, com a solidez da propriedade, com a paz e a ordem, com os usos civis e sociais. Todas essas coisas são (à sua maneira) bens, e se vierem a faltar, a liberdade deixa de ser um benefício e tem pouca chance de durar muito tempo. (Idem)

Dito isso, o que está em jogo para Burke parece ser o preço a ser pago por esse princípio vigoroso que é a liberdade, sobretudo se analisando a forma a qual os revolucionários franceses a almejavam. O desejo por esse grandioso bem, a saber, a liberdade em detrimento dos grilhões do antigo regime se tornou um desejo obsessivo, obscurecendo seu verdadeiro sentido político e as necessidades reais de um povo, “porém todas essas considerações estavam abaixo da dignidade transcendental da Sociedade da Revolução” (Ibidem, p. 31). Sendo assim, uma luta legítima e, sobretudo de forte clamor racionalista e progressista por liberdade teria se transformado em uma luta por poder, o que fez da revolução francesa a mais espantosa catástrofe social que teria acontecido até então. Nela “as coisas mais surpreendentes foram produzidas, em mais de um caso, pelos meios mais absurdos e ridículos; nos modos mais ridículos, e, aparentemente, pelos mais vis instrumentos” (Ibidem, p. 32).

Ainda nesse mesmo sentido, Burke acreditava que a reforma era inevitável e poderia ser uma coisa boa, mas ele sabia que as liberdades que os ingleses desfrutavam eram fruto de um processo deliberado e cuidadoso que levou gerações para se estabelecer. A reforma, então, precisava ser cautelosa, reverente e prudente, ou então poderia destruir onde deveria melhorar (Cf. MCLEOD, 2005, pp. 3-8). Porém, o ideal imprudente de liberdade levou a população à barbárie e se tornaram banais os mais assustadores crimes e atos de leviandade. Com efeito, Burke explica que “em vista dessa monstruosa cena tragicômica necessariamente as paixões mais opostas se sucedem e às vezes se misturam, fazendo-nos passar do desprezo à indignação, do riso às lágrimas, do desprezo ao horror” (BURKE, 2014, p. 32). Tendo observado isso, constata-se que a revolução na França não era só uma revolução política, ela se mostrou na realidade como um evento alicerçado por um ideário filosófico de alto teor corrosivo

e elã destruidor, dinamitador de toda moral, de todos os costumes e de toda tradição da qual todos os valores estavam assentados até então.

Diante disso, Burke percebeu que a Revolução Francesa não se tratava de uma espécie de “*Remake*” das revoluções inglesa e americana (1776), se tratava de um evento inédito e que certamente as suas consequências seriam também completamente imprevisíveis. De fato, quando desejamos mudar a direção de nossos caminhos, é necessário sabermos onde queremos ir e se é possível chegar, e isso é bastante óbvio. No entanto, é esse direcionamento que Burke não encontra nos revolucionários franceses, afinal “um Estado sem meios para mudar, não tem meios para se conservar. Sem esses meios, corre até mesmo o risco de perder aquela parte da constituição que com mais devoção desejaria conservar” (Ibidem, p. 44). Burke adverte o erro dos franceses usando o exemplo da revolução inglesa que, nos momentos mais críticos, por duas vezes, a Inglaterra se viu sem um rei e a nação perdera seu sentimento de união, mas nem por isso resolveu colocar a baixo todo empreendimento basilar da nação; pelo contrário, resolveu reformar seu edifício conservando partes da antiga constituição e assim reunindo o povo novamente em torno de um novo sentimento de unidade, regenerado (Cf. Idem).

Evidentemente, a falta de cuidado e prudência dos franceses foi evidenciado nas décadas posteriores a consolidação do horror trazido por várias tiranias que se sucederam no poder, dado o vácuo abissal deixado pela revolução. Tal irresponsabilidade teve um preço caríssimo na história da França. De fato, seguindo a orientação de Burke, tudo isso poderia ter sido evitado se os franceses tivessem aprendido com o exemplo inglês, que procuraram aperfeiçoar sua constituição ao invés de destruí-la, procuraram manter o que havia de bom nos ensinamentos e nas leis ancestrais ao invés de nega-los. Sendo assim, essa paixão francesa pelo novo e seu rechaço pela tradição teria levado a revolução ao descontrole e a sua perda total de sentido, Burke ainda sobre isso, enfatiza que os franceses: “resolveram agir como se nunca tivessem sido moldados em uma sociedade civil, como se pudessem fazer tudo a partir do nada, começaram mal, pois começaram desprezando tudo que lhes pertencia”

(BURKE, 2014, p. 57). Dito isto, o que está em jogo para Burke é a importância do caráter ancestral na manutenção da vida social de uma nação, portanto, quando desrespeitaram os seus ancestrais, desrespeitaram a si próprios, como Burke explica na passagem a seguir:

Seguindo essas falsas luzes, a França comprou calamidades indisfarçáveis a um preço mais elevado do que o pago por qualquer nação pelos mais inequívocos benefícios! A França comprou a miséria com o crime! A França não sacrificou sua virtude ao seu interesse, mas abandonou a seu interesse de modo a poder prostituir sua virtude. Todas as outras nações iniciaram a construção de um novo governo ou a reforma de um antigo pelo estabelecimento ou observação escrupulosa de alguns ritos religiosos. Todos os outros povos alicerçaram a liberdade civil em costumes mais severos e um sistema de moralidade mais austero e viril. Ao soltar as rédeas da autoridade régia, a França duplicou a licenciosidade de uma feroz dissolução nas maneiras e de uma insolente irreligião nas opiniões e práticas, estendendo a todas as classes da sociedade, como se transmitisse algum privilégio ou revelasse algum benefício recôndito, todas as desventuradas corrupções que costumeiramente acometiam a riqueza e o poder. Esse é um dos novos princípios da igualdade na França (Ibidem, p. 59).

Com efeito, se tivessem procurado reformar sua constituição mantendo o que era bom e modificado o que era mau, despótico e prejudicial à nação, sendo capazes de desconfiar de si mesmos ao exercer uma escuta atenta aos ensinamentos ancestrais “teriam coberto de opróbrio o despotismo por toda face terrestre, mostrando não somente que a liberdade é conciliável com a lei, mas ainda que, quando bem disciplinada, torna-se sua auxiliar” (Ibidem, p. 58). No entanto, na realidade o que ocorreu foi o surgimento e a consolidação de uma crença numa “ficção monstruosa que, inspirando ideias falsas e esperanças vãs” tornaram legítimas os mais variados absurdos que condenariam o país ao julgo de várias tiranias por décadas. Essa crença só se tornou possível através dos devaneios da razão, que através de uma atividade panfletária e mundana, transformou as críticas filosóficas à religião, ao absolutismo e à moral vigente em um plano político que levaria a França à tão desejada liberdade, de fato, como era de

se esperar, as pretensões filosóficas não se mostraram eficazes para manter o que é básico para a vida em sociedade.

### **Uma revolução filosófica**

De fato, a revolução francesa é a primeira revolução filosófica, isto é, uma revolução feita a partir de ideias filosóficas, puramente metafísicas pensadas por intelectuais altamente letrados. Esse aspecto para Burke faz desse evento algo sem precedentes e com características específicas. Tal peculiaridade, talvez seja a resposta para o fato do ideal revolucionário ter esbarrado num obstáculo extremamente complexo, a saber; a relação entre teoria e prática. Se o paraíso teórico construído pelos intelectuais da revolução parecia eternamente próspero, a realidade mostrou que esse paraíso não passava de um castelo de areia. Ora, qualquer indivíduo de inteligência média é capaz de entender que a filosofia não é capaz de trazer paz e harmonia aos homens e que a atividade autêntica do filósofo é especulativa e por ser assim, é então mais corrosiva e dinamitadora do que construtora e harmonizante. Consciente do caráter bélico e subversivo da filosofia e “opondo-se a essa intrusão do espírito especulativo ou teórico no campo da prática ou da política, podemos considerar que Burke restaurou a concepção antiga, de acordo com a qual a teoria não pode ser a única orientação suficiente na prática” (STRAUSS, 2014, p. 367).

Ao fazer isso, Burke revela o caráter totalmente problemático intrínseco à revolução na França, para ele, faltava-lhe espírito público já que os homens que a idealizaram possuíam mentes intelectualmente brilhantes, mas não havia nenhum só homem com alguma experiência prática nos assuntos públicos (Cf. BURKE, 2014, p. 61). Isso fez da revolução na França uma revolução filosófica e, portanto demasiadamente teórica. Tais teorias se misturaram aos mais básicos anseios e também às mais altas ambições particulares, dada à formação do Terceiro Estado, que em seu âmago possuía homens de diversos tipos, formação e classes sociais. De fato, “quando homens de posição sacrificam todas as ideias de dignidade, a uma ambição sem objeto



definido e operam vis instrumentos para vis fins, toda a sociedade torna-se baixa e mesquinha” (Ibidem, p. 67). Nesse contexto, em considerável e amplo sentido, os filósofos do iluminismo, se não foram os mentores intelectuais da revolução, (cada um em sua devida proporção) é impossível não admitir a influência direta exercida de seus ideais abstratos de sociedade na *práxis* revolucionária.

No tocante, a herança histórica deixada pela revolução é de um movimento libertador das massas, um evento de luta pela igualdade entre os homens e fraternidade entre os povos. De fato, *la déclaration des droits de l'homme* (A declaração dos direitos do homem) ecoou para o resto do mundo como a “grande nova”, uma espécie de nova tábua de valores, que não é oriunda da boca de nenhum Deus todo poderoso ou dos deuses, mas uma tábua de valores forjada pela razão filosófica, feita por homens iluminados pela sabedoria. Sendo assim, a crença de que essa razão libertaria os homens da opressão de uma casta formada por nobres e sacerdotes com direitos divinos, se tornou imbatível e inquestionável. Esses mesmos homens então esclarecidos pelas luzes filosóficas fundariam um mundo novo marcado pela igualdade, pela liberdade e pelos ditames da ciência que através do controle total da natureza curaria os homens de suas vicissitudes e o mundo de suas mazelas e intempéries naturais. Essa paisagem maravilhosa seria então a aurora de uma nova humanidade conquistada através da revolução. Assim, “toda sua marcha teve mais o aspecto de uma procissão triunfante que a de uma guerra em andamento” (Ibidem, p. 60).

De fato, o que Burke teve a proeza de captar foi o caráter messiânico desenvolvido no calor da revolução. Ora, por um lado, a revolução possuía um teor iconoclasta, destruidor dos valores tradicionais da nobreza e das “superstições” oriundas da religião oficial. Por outro lado, a revolução ganhou o mesmo tom daquilo que ela pretendia destruir, a saber; uma hierarquia interna entre seus líderes e um *pathos* salvífico marcado pelo proselitismo e pela propaganda característica da religião revelada. Sendo assim, o caráter irreligioso da revolução ganhou uma aura profundamente religiosa. Nesse sentido, como também percebeu décadas mais tarde, Alexis de Tocqueville em sua obra monumental *L'ancien Regime et la Revolution* (O

Antigo Regime e a Revolução) que “a Revolução Francesa é portanto uma revolução política que operou à maneira e em certo sentido assumiu o aspecto de uma revolução religiosa” (TOCQUEVILLE, 2016, p. 14). Sobretudo, por recorrer ao recurso da pregação e do convencimento das pessoas, o que se tornou uma característica de todos os movimentos igualitários e de libertação posteriores.

Ora, embora Tocqueville em sua crítica fundamental à revolução na França discorde de Burke em vários aspectos, em dois fatores seminais eles convergem completamente, o primeiro, foi exposto anteriormente, o segundo diz respeito aos exageros da revolução já que para ambos; “a Revolução concluiu bruscamente, por um esforço convulsivo e doloroso, sem transição, sem precaução, sem complacência, o que teria se encerrado pouco a pouco por si mesmo ao longo do tempo, essa foi sua obra” (Ibidem, p. 24-25). E isso se tornou um aspecto bastante complexo por que a razão mesma da revolução parece aos poucos ter perdido seu sentido originário. O que de fato era motivo de repulsa e necessário de mudança começou a ser esquecido, porque “se a sociedade civil é filha da convenção, essa convenção deve ser sua lei; deve limitar e modificar todas as categorias de constituição por ela formadas. Todo tipo de poder legislativo, judiciário e executivo são criaturas suas, não podem existir em outro estado de coisas” (BURKE, 2014, p. 80).

Diante disso, a mudança radical que se pretendia “requer um conhecimento profundo da natureza e das necessidades humanas, assim como das coisas que facilitam ou dificultam a obtenção dos variados fins que devem ser buscados pelo mecanismo das instituições civis” (Ibidem, p. 81). Para Burke isso tornou perceptível que havia uma confusão total de interesses envolvidos, de fato, a revolução não tinha mais um objetivo claro e possível, e assim se tornou uma barbárie onde uma multidão sedenta e movida por ressentimentos pessoais tiveram seus crimes perdoados, lavados e redimidos pela magnitude do ideal revolucionário, “para algumas pessoas, complôs, massacres e assassinatos parecem um preço módico a pagar para a consecução de uma revolução. Ao seu paladar, uma reforma barata e sem sangue, e uma liberdade sem culpa, parecem-lhe vãs e insípidas” (Ibidem, p. 85). Isso teria então desvelado o teor desmedido e a face

horrenda e totalitária resultantes da imprudência daqueles que armaram o palco para esse espetáculo. Como Burke adverte claramente nesta passagem.

O Estado deve ter reservas para conservar sua força e remédios para extirpar os seus males. De que adianta discutir o direito abstrato de um homem ao alimento ou aos remédios? A questão está em saber em como consegui-lo e administrá-los. Nessa deliberação, sempre aconselharei que se solicite a ajuda do agricultor e do médico, e não a de um professor de metafísica (Ibidem, p. 81).

Constatado isso, mais uma vez está posto aqui o perigo intrínseco da pretensão de se exercer mudanças radicais em uma dada sociedade a partir única e exclusivamente de elucubrações filosóficas. Tal risco se dá pela ausência de conexão entre os problemas da filosofia e os problemas e necessidades mundanas, sobretudo, as necessidades e os anseios da multidão. Evidentemente, em situações de crise, oportunistas e outros tipos de falastrões se disponibilizam a serem como uma espécie de gurus de orientação do povo, para ganhar posteriores favores e regalias, como afirma Burke: “ouço dizer por toda parte que um grupo de conspiradores, que se autodenominam filósofos, recebe a glória de muitos dos recentes acontecimentos; e que suas opiniões e sistemas são o verdadeiro espírito responsável por essas realizações” (Ibidem, p. 108). Desta forma, “Burke associa, o extremismo da revolução a uma nova filosofia. ‘A antiga moral’ era uma moral de ‘benevolência social e abnegação individual’. Os filósofos parisienses negam a nobreza da ‘disciplina individual’, da temperança e das virtudes ‘liberais’...” (STRAUSS, 2014, p. 364) e ao fazer isso, abriram a brecha necessária para liberação de todo tipo de permissividade, contanto que estivesse vestido sob o manto ungido da revolução. Isso ao longo prazo, não poderia gerar outra coisa, senão a tirania.

### **Revolução e tirania**

Burke faleceu em 1797 ainda em plena revolução, de fato, muitas das coisas que escreveu sobre a revolução, fez de forma *ad hominem* seguindo a intuição de quem possuía a eloquência e a erudição de um excelente orador somado a um vasto conhecimento da tradição filosófica, de teoria política, gestão pública e, sobretudo das necessidades humanas. Evidentemente, depois da publicação da *Reflexões* desenvolveu vários admiradores e inúmeros críticos e inimigos intelectuais, o que de fato não era de se esperar o contrário. No entanto, o que tornou sua obra grandiosa, foi a sua primazia de sintomatizar com tanta precisão os acontecimentos que ocorreram ainda na década que prosseguiu sua morte e posterior a ela, inequivocamente Burke conseguiu em certo sentido, captar o significado mesmo do que estava acontecendo em seu tempo e quais consequências de fato tais acontecimentos gerariam no futuro.

Diante disso, a Revolução Francesa lança uma longa sombra, que se estende e atinge nosso tempo e influencia diretamente os debates atuais sobre liberdade, igualdade e autoridade. Por isso a necessidade de refletirmos com muito cuidado acerca desse que, indubitavelmente, continua a ser um desconcertante evento histórico, do qual sua importância e significado são totalmente variantes e sua interpretação se transforma de acordo com a simpatia do espectador. Nesse sentido, ninguém menos que François Furet nos mostra em sua obra clássica *La Révolution française* (FURET, RICHET, 1965), que não existe interpretação histórica inocente, e a história que se escreve é também história dentro da história. Portanto, se por um lado, este evento é visto como uma reformulação radical da paisagem política que moldou os valores indiscutíveis do mundo contemporâneo, o parto de uma nova era e por assim dizer, a luz que mostrou os caminhos para um futuro igualitário garantido por homens esclarecidos de seus direitos. Por outro lado, a Revolução na França é vista como uma série de eventos cruentos e que beiraram a barbárie em prol de um objetivo que no começo era legítimo e depois se tornou um misto de loucura e oportunismo que deslizou para a anarquia descontrolada e lamentável porque caminhou rapidamente da promessa de liberdade para a tirania.

O fato é que nos últimos séculos quanto mais expressivas foram as utopias coletivistas, mais repressivas e destruidoras essas conseguiram ser, quando a liberdade

individual é obliterada em nome de um ideal comum, se desvela o caráter tirânico e genocida do igualitarismo que tende a demonizar e transformar qualquer grupo, classe social ou etnia na causa principal da desigualdade e, portanto, um inimigo a ser destruído, o que legitima todo tipo de violência.<sup>4</sup> Sendo assim, “a Revolução Francesa é apenas um dos muitos eventos históricos que nos demonstram que os movimentos de libertação, quando conseguem destruir o Estado, primeiro levam a anarquia, depois à tirania, e a seguir, ao terror totalitário” (SCRUTON, 2015, p. 53-54).

No tocante, em grande medida, a contribuição da *Reflexões* de Burke é no sentido de mostrar que mudanças políticas não dependem ou são garantidas, únicas e exclusivamente pela escrita e estabelecimento de uma nova constituição, ou de uma tomada violenta de poder que de forma abrupta venha a solapar o regime vigente até então. Ora, nesse sentido, a intuição de Burke nos remete para algo que não está em lugar nenhum, mas ao mesmo tempo está em todo lugar, a saber, o caráter simbólico e imaginário que formam um regime e os valores arraigados a ele.

Nesse sentido, o que podemos concluir é que não há, para Burke nenhuma receita fundante como propuseram os manuais e os manifestos revolucionários de outrora e nem nos de hoje, como pretendem alguns positivistas jurídicos, e, sobretudo, as ideologias messiânicas de nosso tempo. Em suma, a previsão de Burke, foi de fato o anúncio de que esse novo caráter revolucionário, mesmo que, irresponsável, imprudente e em considerável sentido, tirânico, era algo que viria pra ficar e que de fato provocaria mudanças radicais, porém, tais mudanças teriam um preço demasiadamente alto, qual seja; enfrentar uma metamorfose de processos ainda desconhecidos (BURKE, 2014, p. 254) marcados pelo desequilíbrio, pela anarquia e por grandes banhos de sangue.

---

<sup>4</sup> É perceptível nos grandes eventos da história recente que as grandes marchas que de forma inexorável rumam em direção à construção de um mundo melhor e igualitário tiveram em comum a criação maniqueísta de um inimigo que deveria ser destruído. Para os jacobinos eram os aristocratas, para Stalin, eram os "kulaks", os chamados camponeses ricos, para Hitler, eram os judeus, para os jihadistas de hoje, é o "Grande Satã" (a América) e o "Pequeno Satã" (Israel), juntamente com todo ocidente, para América, o Islã, para Israel, os palestinos.

## Referências

BURKE, Edmund, *Reflexões sobre a Revolução na França*. Trad. José Miguel Nanni Soares – 1. ed. – São Paulo: EDIPRO, 2014.

COUTINHO, João Pereira, *As Ideias Conservadoras Explicadas a Revolucionários e Reacionários*, São Paulo, Ed. Três Estrelas, 2014.

FURET, François. RICHET, Denis. *La Révolution française*. Paris: Hachette, 1965.

MANSFIELD, H. Edmund Burke In CROPSEY, J.; STRAUSS, L. (ed.). *History of Political Philosophy*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987, pp. 687-709.

MCLEOD, Aaron, *Great Conservative Minds: A Condensation of Russell Kirk's "The Conservative Mind"*, Alabama Policy Institute, Birmingham, Alabama, 2005, pp. 3-8.

SCRUTON, Roger. *As Vantagens do Pessimismo: e o perigo da falsa esperança*. Trad. Fábio Faria. 1 Ed. São Paulo. É Realizações, 2015.

STRAUSS, L. *Direito natural e história*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

TOCQUEVILLE, Alexis de, *O Antigo Regime e a Revolução*, 2º Ed. São Paulo, Martins Fontes, 2016.

Data de registro: 13/10/2017

Data de aceite: 12/01/2018